

**ANÁLISES COMPARATIVAS
DE CONCEITO DE FONEMAS EM LIVROS DIDÁTICOS**

Aucir Lucas Blanco Ferreira (UNIDERP)
lucasblanco@hotmail.com.br

Edson Geraldo Spotti Silva Rego (UNIDERP)
edsonrego24@gmail.com

Nataniel dos Santos Gomes (UEMS)
natanielgomes@uol.com.br

RESUMO

O presente trabalho trata-se de um estudo comparativo entre a *Gramática Reflexiva: Texto, Semântica e Interação*, de William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães, 2ª edição, e a *Gramática*, de Carlos Emílio Faraco, Francisco Marto de Moura e José Hamilton Maruxo Junior, 20ª edição. Este último também destinado ao ensino médio. O foco deste estudo está na conceituação errônea e incoerente de fonema encontrado em gramáticas. Ao passo que, na gramática de Faraco, esse conceito é retratado de forma clara e adequada aos avanços da linguística moderna. A *Gramática Reflexiva* definida pelo próprio autor como uma gramática “reflexiva”, “inovadora” e que atende às contribuições da linguística aplicada ao ensino de língua portuguesa contradiz os estudos da linguística moderna apresentando uma definição que era usada no século XIX. A exemplo de uma gramática clara, didática e moderna, faremos uso da gramática do Faraco como referência nessa análise; pois ela, do mesmo meio da de Cereja, corresponde às expectativas deste trabalho. A elaboração deste artigo se baseia nos pressupostos teóricos de Evanildo Bechara (2009), Callou & Leite (2009) e Thais Cristófaros Silva (2014).

Palavras-chave: Fonologia. Conceituação. Fonema.
Linguística moderna. Livros didáticos. Ensino médio.

1. Introdução

Apesar dos avanços significativos nas últimas décadas, ainda se encontram conceitos de fonética e fonologia baseados em estudos do século XIX em livros atuais. A fonética foi a primeira investigação a ser feita quando se fala em linguagem. Durante a Idade Média, gregos e romanos criaram um sistema de escrita sem a distinção entre som e letra. E, por muito tempo, a fonética se confundia com o estudo da pronúncia correta das palavras e assim era vista como uma disciplina normativa.

Somente no fim do século XIX, Baudouin de Courtenay foi o precursor em distinguir, com propriedade, os elementos que têm papel de significação, o que vinha ser chamado de fonema mais adiante. E então

com a contribuição da doutrina de Nicolai Trubetzkoy que se deu a distinção entre fonética e fonologia, disciplinas essas consideradas sinônimas até então.

Com o surgimento da fonética e fonologia, surge também o conceito de unidade mínima dessas duas ciências, que para a primeira é fone e para a segunda, fonema. Entretanto, há quem ainda afirme, de forma errônea, o conceito de fonema em livros didáticos.

Diante disso, a ideia deste trabalho surgiu após indagações a respeito do conceito de fonema em livros didáticos, em especial a *Gramática Reflexiva: Texto, Semântica e Interação*, de William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães, 2ª edição. Com tantas outras gramáticas no mercado, essa nos chamou a atenção por apresentar um *slogan* de uma gramática reflexiva com proposta metodológica inovadora, baseada nas contribuições da linguística aplicada ao ensino da língua portuguesa.

Apesar de toda obra aparentar ser moderna, ilustrativa e exemplificada, ela aborda o conceito de fonema de acordo com os estudos do século XIX. Essa incoerência leva o leitor à confusão entre o que é fonética e o que é fonologia. Ressalta-se que isso tudo não se limita à conceituação; ela pode fazer com que o aluno construa argumentos errôneos a cerca desse tema “estudo dos sons da língua”. Destinada, também, ao ensino médio e a curiosos pela língua portuguesa, usamos como modelo ideal de conceituação a *Gramática*, de Carlos Emílio Faraco, Francisco Marto de Moura e José Hamilton Maruxo Junior, 20ª edição.

Além disso, na *Gramática Reflexiva*, o autor inicia o capítulo de fonologia já com atividades que exigem do aluno um conhecimento mais aprofundado de fonologia, como se perguntar por que em “joguei” há a necessidade de se acrescentar um “u” antes de “e”, diferente em “jogou”. Quanto ao ensino da ortoepia e prosódia, Cereja explica que a pronúncia das palavras é bastante variável, mas dita como “correta” pronúncias como “gratuito”, “ruim” – embora é sabido que apenas a segunda das pronúncias comuns de gratuito, que são [graˈtuitu] e [gratuˈitu], é amplamente falada pela população brasileira.

A *Gramática* se inicia com um texto de Paulo Mendes Campos e logo mais, de forma bem didática, apresenta-se a definição de fonema e como as palavras são formadas. O autor não propôs economia ao escrever e explicar a fonética e fonologia e seus símbolos fonéticos. Sem dúvida é a gramática mais clara quando se fala em explicação de conceitos gramaticais.

Com embasamento teórico em autores consagrados como Celso Cunha, Dinah Callou e Yonne Leite, Evanildo Bechara, Joaquim Mattoso Câmara Junior e Thaís Cristofáro Silva é que será feita a reflexão deste trabalho.

2. Breve histórico

Faz-se necessário fazer um breve histórico e uma reflexão a respeito do conceito de fonema na evolução dos estudos fonológicos. Inicia-se esta análise com a diferenciação entre fonética e fonologia para que fique mais claro o resultado desta pesquisa. Sabe-se que não é possível falar em fonética sem falar em fonologia, pois elas estão intimamente atreladas uma à outra. Callou e Leite (2009) afirma muito bem essa relação, em sua obra *Iniciação à Fonética e à Fonologia*:

Fonética e fonologia têm sido entendidas como duas disciplinas interdependentes, uma vez que para qualquer estudo fonológico é indispensável partir do conteúdo fonética, articulatório e/ou acústico para determinar quais são as unidades distintivas de cada língua. (CALLOU & LEITE, 2009, p. 11)

Embora sejam ciências dependentes, sua aplicação é diferente. Enquanto a fonética é de caráter descritiva em relação aos fatos físicos dos sons da fala, aos mecanismos e processos de produção da fala, baseando-se nos processos de percepção e produção dos sons, a fonologia é interpretativa e sua análise se baseia no valor dos sons dentro de uma língua.

Fazendo um breve histórico, a primeira tentativa de desvendar o estudo fonológico do som do estudo da fonética ocorreu no final do século XIX, com o trabalho do polonês Baudouin de Courtenay. Seu trabalho foi decisivo para que, futuramente, houvesse a mudança de interpretação linguística do termo fonética e fonologia.

Mais tarde, somente com os trabalhos de Nicolai Trubetzky, Roman Jakobson que essa ideia foi concretizada no 1º Congresso Internacional de Linguística, em Praga, apresentando a distinção entre a dimensão estática e a dinâmica, o que levou a separar a psicofonética, que estudaria os elementos (fonemas) com função de significação, da fisiofonética, que estudaria os sons como realizações individuais. A partir disso é que a fonética e a fonologia passaram a ser vistas como duas ciências distintas.

No âmbito da fonética, a unidade mínima representativa é chama-

da de fone, ao passo que, em fonologia, chama-se fonema. Ocorre que, na *Gramática Reflexiva*, a definição da unidade mínima da fonologia é vaga e de possível dupla interpretação, como se vê: “Fonema é a menor unidade sonora das palavras”. (CEREJA & MAGALHÃES, 2005, p. 63). Isso porque, como se sabe, fonema é uma unidade fonológica, mínima, abstrata, funcional, distintiva de som de uma determinada língua.

Quanto ao conceito, não há divergência entre os teóricos. Todas as obras que seguem os estudos da linguística moderna são unânimes em afirmar que o fonema possui caráter distintivo na fala. Como se pode ver em:

Chamam-se fonemas os sons elementares e distintivos que o homem produz quando, pela voz, exprime seus pensamentos e emoções. (BECHARA, 2009, p. 57)

Sons que estejam em oposição [...] são caracterizados como unidades fonêmicas distintivas e são denominados fonemas. (SILVA, 2014, p. 126)

[...] fonema passou a ter uma conceituação funcional abstrata, a unidade mínima distintiva do sistema de som, e é como uma unidade funcional que deve ser definido. (CALLOU & LEITE, 2009, p. 36)

Quando se fala em distinção, ela se dá na significação das palavras. Por exemplo, “peixe” e “feixe” são chamados de pares mínimos, isto é, uma dupla de palavras que se distinguem por um único fonema (fonemas “p” e “f”). Então, ao se trocar o fonema “p” pelo “f”, neste caso, qualquer falante da língua portuguesa saberá que se trata de um animal aquático vertebrado de respiração branquial com membros convertidos em nadadeiras e esqueleto cartilaginoso ou ósseo; e o segundo, em física, trata-se de um conjunto de partículas em trajetória paralela ou quase paralela. Portanto, isso que, de fato, é um fonema. E é assim que se define na *Gramática*: “Fonema é a menor unidade sonora capaz de estabelecer distinção entre palavras”. (FARACO & MOURA, 2006, p. 25)

A problemática está voltada no que acarretaria a falta da informação de que o fonema é um elemento distintivo entre as palavras. Pode-se imaginar a conclusão que um aluno do estado do Rio de Janeiro teria ao se deparar com a definição apresentada pelo livro de Cereja. Primeiramente, sabe-se que, no falar carioca, a fricativa alveolopalatal desvozeada [ʃ] se manifesta em palavras como “dois”, “casca”, “festa”. Suponha que um aluno do ensino médio faça uma análise fonológica da palavra “agosto”. Espera-se que, levando em consideração o que está descrito no livro do aluno, ele representaria de tal forma: /agoxtu/ – 6 fonemas, uma vez que o livro diz que fonema é a menor som das palavras.

Portanto, faz-se necessário o ensino de fonética junto à fonologia, sendo aquela destinada à abordagem do ensino das variantes do português brasileiro, como Bortoni-Ricardo mostra importância disso em *Educação em Língua Materna: a Sociolinguística na Sala de Aula*:

Na sala de aula, como em qualquer outro domínio social, encontramos grande variação no uso da língua, mesmo na linguagem da professora que, por exercer um papel social de ascendência sobre seus alunos, está submetida a regras mais rigorosas no seu comportamento verbal e não verbal. [...] variação é inerente à própria comunidade linguística. (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 25)

3. *Das análises às variações*

3.1. Gramática, de Carlos Emílio Faraco, Francisco Marto de Moura e José Hamilton Maruxo Junior, 20ª edição. Páginas 24, 25 e 27 (exercícios)

3.1.1. Fonética e fonologia

3.1.1.1. Fonema

Era uma vez um menino triste, magro e barrigudinho, do sertão de Pernambuco. Na soalheira danada de meio-dia, ele estava na poeira do caminho imaginando bobagem, quando passou um gordo vigário a cavalo:

- Você aí, menino, para onde vai essa estrada?
- Ela não vai não: nós é que vamos nela.
- Engraçadinho duma figa! Como você se chama?
- Eu não me chamo não, os outros é que me chama de Zé.

Campos, Paulo Mendes e outros. *Crônicas 1*.
São Paulo: Ática, 2003, vol. 1, p. 93.

CONCEITO DE FONEMA

Nesse texto do escritor Paulo Mendes Campos, há a representação escrita de um diálogo entre um menino do sertão de Pernambuco e um padre. Em um diálogo as pessoas conversam, emitem os chamados sons da fala.

O ser humano é capaz de emitir uma grande variedade de sons e ruídos bucais, como tosse, ronco, espirro. Dessa grande diversidade, inte-

ressam para nosso estudo de gramática apenas os sons que, isolados ou agrupados, constituem palavras.

Leia em voz alta: **poeira/zoeira**

A diferença sonora entre essas duas palavras deve-se ao som inicial delas: **p/z**. Essa diferença é fundamental para que se possa discriminar o significado de cada palavra:

poeira: terra seca reduzida a fino pó.
zoeira: zoada; barulheira; som confuso.

Essa unidade sonora capaz de estabelecer diferença de significado é chamada de fonema. Cada fonema de uma palavra exerce, portanto, função distintiva. Veja:

- a.** **figa** – alterando o primeiro fonema: **diga, liga, siga, viga**;
- b.** **figa** – alterando o segundo fonema: **fuga**;
- c.** **figa** – alterando o terceiro fonema: **fica, fila, fita, fira**;
- d.** **figa** – alterando o quarto fonema: **figo**.

Os fonemas são os sons que caracterizam uma determinada língua e devem ser transcritos entre barras oblíquas. Com um número pequeno de fonemas, pode-se produzir um número quase infinito de palavras e frases.

3.1.2. Fonema e letra

Não se deve confundir fonema com letra. Na língua escrita, os fonemas são representados por sinais gráficos chamados letras. Uma mesma letra pode representar mais de um fonema:

- a.** na palavra **casa**, a letra **c** representa o fonema /k/;
- b.** na palavra **cela**, a letra **c** representa o fonema /s/.

No português do Brasil há 33 fonemas e 26 letras para representá-los na escrita.

O alfabeto empregado na escrita convencional não consegue simbolizar com exatidão a pronúncia efetiva dos fonemas. Por isso, criou-se o *alfabeto internacional*, que oferece maior precisão na representação dos fonemas e sons da fala. Há mais de um alfabeto fonético. Neste livro

adotou-se o chamado alfabeto fonético internacional, que é o mais comumente empregado nos estudos gramaticais.

Esse alfabeto apresenta, além das letras convencionais, outros símbolos. Quando se quer fazer a representação dos fonemas de alguma palavra, recorre-se ao alfabeto fonético, cujos sinais são escritos em barras.

Às vezes, porém, um mesmo fonema pode ser pronunciado de maneiras diferentes, de acordo com as situações de comunicação, variações regionais, etc. (A respeito dessas variações, ver o conceito de alofone, na p. 28.) Nesses casos, para assinalar as diferentes maneiras de pronunciar um mesmo fonema, recorreremos à *transcrição fonética*, que é feita também com símbolos do alfabeto fonético internacional, mas entre colchetes. Além disso, é comum nas transcrições fonéticas o uso de um apóstrofo antes da sílaba tônica para indicá-la.

Veja dois exemplos:

- a. A letra **o** pode representar mais de um som em português, como se pode observar pronunciando a palavra **bolota**. Para representar esses dois fonemas, usam-se dois diferentes símbolos do alfabeto fonético: /o/ no primeiro caso e /ɔ/ no segundo. Assim, a representação dos fonemas da palavra **bolota** será: /bo'lotɑ/.
- b. Para representar o som **é** emprega-se este símbolo fonético: [ɛ]. Portanto, a palavra **pé** terá a seguinte transcrição fonética: [pɛ].

Nos dicionários de língua estrangeira é comum aparecer, logo no início do verbete, a transcrição fonética da palavra para facilitar sua pronúncia. Observe verbetes extraídos de um dicionário de inglês:

• carry ['kəri] • book [buk] • table ['teɪbl]

3.1.3. Atividades

2. Comparando a palavra com sua transcrição fonética, identifique o número de letras e o número de fonemas das palavras:

a. corre – ['kɔRi] **d.** guerra – ['gɛRa] **b.** hora – ['ɔra] **e.** anexo – [a'ɛksu] **c.** aquela – [a'kɛla] **f.** pomba – ['pɔba]

3. Escreva uma palavra (diferente dos exemplos dados) em que a letra x represente:

a. o fonema /z/: exame, executar. c. o fonema /s/: aproximação b. o fonema /ʃ/ (chê): enxame, xale. d. o som ks: sexo, fixo.

3.2. Gramática Reflexiva: Texto, Semântica e Interação, de William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães, 2º edição. [PÁGINAS 62 (exercícios) e 63 (conteúdo)]

3.2.1. Fonologia

3.2.1.1. Sons e letras

2. Leia a palavra *ninho*.

a. Quantas sílabas ela tem? E quantas letras? **b.** Ao falar essa palavra, quantos sons você emite: quatro ou cinco? **c.** Quais são eles?

3. A forma verbal *jogou* apresenta as letras **j** e **g**. **a)** Leia essa palavra em voz alta e responda: Essas letras apresentam o mesmo som, quando seguidas da vogal *o*?

b) Na sequência a seguir, há palavras em que as letras **j** e **g** apresentam o mesmo som. Leia-a e observe: *jaca, pajem, jirau, jornal, justiça, gato, gerente, agitação, agosto, agudeza*. Agora, responda: Diante de que vogais as letras **j** e **g** têm o mesmo som?

c) Suponha que a galinha [da tirinha] respondesse à pergunta do galo, empregando a forma verbal *joguei*: “Eu me joguei”. Por que, nesse caso, seria necessário acrescentar um **u** antes do **e**?

3.2.1.2. Conceituando

A unidade básica da comunicação é a palavra. A palavra pode ser dividida em unidades menores, como as sílabas e os sons.

Ao pronunciarmos a palavra *você*, por exemplo, notamos que produzimos quatro sons: *vê, o, cê, e*. As unidades sonoras que constituem uma palavra ao serem pronunciadas são chamadas de fonemas. Tradicionalmente, os fonemas são simbolizados entre barras inclinadas. Desse modo, a palavra *você*, quando *falada*, apresenta os seguintes fonemas: /v/, /o/, /s/, /e/.

Assim:

Fonema é a menor unidade sonora das palavras.

Leia agora esta tira, observando os grupos de palavras *mar* e *bar*, *marulho* e *barulho*:

[...]

Você deve ter observado que as palavras *mar* e *bar* são constituídas de três fonemas e que *marulho* e *barulho* são constituídas de seis fonemas. Entretanto há uma diferença de significado entre elas, determinada pela oposição dos fonemas iniciais /m/ e /b/.

Assim, podemos concluir que o fonema exerce duas funções:

- sozinho ou ao lado de outros fonemas, constitui palavras;
- distingue uma palavra da outra.

Quando queremos representar na escrita os sons da fala, utilizamos as letras. Observe a correspondência entre fonemas e letras nestas palavras:

/komesu/ – começo

/esitãti/ – excitante

4. Considerações finais

As reflexões aqui apresentadas buscam apresentar os entraves causados por uma explicação errônea sobre o conceito de fonema e sobre a fonética e fonologia do ponto de vista didático e linguístico. O objetivo deste trabalho, que é de caráter introdutório e de análise em andamento, é colaborar na melhoria do ensino de língua portuguesa, em especial ao tema central abordado, fonética e fonologia. Muitas vezes o aluno não se interessa por essa área de “estudo dos sons”, porque ele a vê como um conhecimento abstrato, nebuloso, difícil de assimilar.

Portanto, cabe a nós, professores de língua materna, estimular o aluno a sempre a buscar o conhecimento, mesmo diante complexidades explanatórias de livros, por exemplo. Para isso, o professor deve ter desenvoltura em suas explicações de forma clara, didática e sempre propondo um conteúdo com atualização linguística.

Além do mais, a importância do ensino de fonética e fonologia, além do conhecimento da estrutura da fala humana e do português falado como língua materna, é um auxílio no processo de aprendizagem de lín-

guas estrangeiras, uma vez que o aluno é capaz de diferenciar aspectos de pronúncia entre a segunda língua e sua língua materna.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro. Nova Fronteira, 2009.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula*. São Paulo: Parábola, 2004.

CALLOU, D.; LEITE, Y. *Iniciação à fonética e à fonologia*. 11. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

CEREJA, W. R.; MAGALHÃES, T. C. *Gramática reflexiva: texto, semântica e interação*. 2. ed. São Paulo: Atual, 2005.

FARACO, C. E.; MOURA, F. M.; JUNIOR, H. M. *Gramática*. 20. ed. São Paulo: Ática, 2006.

SILVA, Cristóforo Thais. *Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios*. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2014.